

Sujeito Nulo no Português Brasileiro: Elementos Para Sua Análise a Partir de Situações Experimentais

Clara Nóvoa Gonçalves Villarinho¹ (PIBIC/FAPERJ)

Resumo: A partir de situações experimentais (testes controlados de preenchimento de lacuna), pretendemos investigar, nessa pesquisa, a necessidade de se preencher o sujeito no Português falado no Brasil (PB), em estruturas consideradas contextos de resistência ao sujeito pleno. Para tal, serão verificadas duas hipóteses a respeito do estágio em que se encontraria essa tendência de preenchimento: uma considera que a gramática do PB encontra-se em um processo de mudança, sendo os sujeitos nulos existentes identificados por uma categoria vazia *pro* que estaria desaparecendo; outra acredita que o PB já possui uma gramática estável, pois seus sujeitos nulos são categorias vazias de outro tipo, *var*. Os resultados apontam para uma maior adequação explicativa da segunda hipótese.

1) Introdução

Tendo em vista o grande número de diferenças lingüísticas existentes em diversos níveis (fonológico, morfológico, sintático, etc.) entre o Português falado no Brasil (PB) e sua língua de origem, o Português europeu (PE), há muitos anos, algumas discussões vêm sendo realizadas na tentativa de se responder à pergunta: o PB é apenas um dialeto do PE ou já teria se tornado uma língua independente?

Talvez devido ao apelo político que possui, o assunto muitas vezes é debatido em meios extra-acadêmicos, que acabam por deixar que fatores não-lingüísticos, como a localização geográfica e questões sócio-culturais, influenciem a defesa de uma ou outra opinião. A discussão, nesse âmbito, nos parece bastante vaga e permeada por questões subjetivas, já que não há um pressuposto mais geral e abalizado que possa ser critério para a delimitação do que venha a ser uma língua e do que faz que uma língua seja diferente de outra. Alguns estudiosos, contudo, no intuito de criar uma discussão mais sólida nesse aspecto, levam a questão para o contexto acadêmico da pesquisa e procuram embasar suas opiniões em hipóteses e teorias maiores.

Tendo em mente a necessidade da utilização de critérios bem definidos para fundamentarem suas hipóteses, alguns lingüistas têm se ocupado, nas últimas décadas, em definir qual seria o nível de distanciamento entre o PB e o PE, com base na Teoria de

¹ Orientador: Prof. Ricardo J. Lima

Princípios e Parâmetros, parte do arcabouço desenvolvido pela Teoria Gerativa (Chomsky, 1981) para dar conta de explicar o que é a língua e como ela se estrutura.

Segundo essa Teoria, as línguas seriam constituídas de Princípios universais e Parâmetros, sendo os primeiros características gerais, comuns em todas as línguas e, dessa forma, inatos nos seres humanos, e os segundos, características particulares específicas a cada língua, fixadas no período de aquisição, como detalhamentos dos Princípios. Assim, o critério de diferenciação de línguas para esses pesquisadores seria uma diferença paramétrica que possa existir entre as variantes.

Como será visto mais detalhadamente na próxima seção, esses estudos vêm encontrando resultados bastante salientes de que o PB realmente apresenta ao menos uma diferença fundamental para como o PE em sua realização estrutural, o Parâmetro do Sujeito Nulo. No entanto, se está claro que o PB já não pode ser equiparado ao PE, o que o PB teria se tornado (ou se estaria tornando) ainda precisa ser melhor esclarecido. Afinal, se ele é de um tipo diferente de língua, que tipo seria esse?

É nesse contexto que se insere a pesquisa apresentada aqui. Nela, duas hipóteses a respeito do nível de distanciamento entre PB e PE e das atuais condições do PB são comparadas, tomando-se como base os resultados obtidos por meio de um experimento realizado com 16 alunos do curso de Letras que tinha como foco sentenças sobre as quais cada hipótese faz diferentes previsões (a saber, as estruturas com elementos topicalizados).

Nas seções que se seguem, serão apresentados os fundamentos teóricos dessa pesquisa, a metodologia utilizada, e será demonstrada qual hipótese os resultados apontam ser mais adequada para explicar os dados.

2) Os Tipos de Línguas

Conforme foi dito anteriormente, a Teoria Gerativa considera que cada língua possui um conjunto de características particulares, ou Parâmetros, que a diferencia das outras. Esses Parâmetros são desdobramentos dos Princípios, que podem ser marcados de duas formas: positiva ou negativamente (dependendo da língua). Dessa maneira, se há um Princípio X, ele poderia ser marcado como X+ ou X-. A união de diferentes marcações paramétricas gera combinações únicas que formam as características particulares de cada língua. Assim, dentro desse paradigma, para saber se uma língua é diferente de outra, basta identificar apenas um parâmetro, dentro do conjunto de parâmetros que formam cada língua, que tenha marcação

diferente². Nesse contexto, seria possível dividir as línguas existentes conforme o tipo de realização de cada parâmetro.

Estudos anteriores (Duarte, 1993, 1995) indicam que, no caso da comparação entre o PB e o PE, o que estaria em jogo é o já citado Parâmetro do Sujeito Nulo (veja a seção 2.3), cujas variações seriam: a) a língua precisa obrigatoriamente preencher com material fonético todos os sujeitos pronominais das suas sentenças, independentemente do contexto; ou b) dentro de determinadas condições de licenciamento, o sujeito pronominal pode ser deixado nulo. Um exemplo de língua do primeiro tipo seria o Inglês, em que somente frases com sujeito são gramaticais: *It rains; I have an English book*. Um exemplo de línguas do segundo tipo é o PE, cujas sentenças podem não apresentar um sujeito explícito: *___ Chove; ___ Tenho um livro de Português*.

Deste modo, de acordo com esse parâmetro, é possível dizer que há dois tipos de língua: as de sujeito pleno e as de sujeito nulo³.

2.1) As Línguas de Sujeito Nulo

Como foi dito na seção anterior, as línguas de sujeito nulo possuem a característica de permitir que o falante não utilize explicitamente o sujeito pronominal. As frases sem o sujeito, no entanto, podem ser perfeitamente compreendidas, pois ele será sempre licenciado por alguma outra informação que esteja disponível aos falantes da língua, para que possam identificar a que pessoa do discurso a sentença se refere. Uma observação que é feita sobre as línguas desse tipo é que há duas diferentes formas de se identificarem os sujeitos nulos: pela desinência do verbo ou pelo contexto em que a sentença está inserida. Assim, é possível fazer ainda uma subdivisão nas línguas de sujeito nulo.

² Embora na Teoria se considere que, quando um parâmetro tem uma dada marcação, outros parâmetros são marcados em consequência, ou seja, dificilmente uma língua terá apenas um parâmetro diferente de outra.

³ Sujeito nulo é o nome dado aos sujeitos pronominais que não são pronunciados. Eles recebem esse nome pois, na Teoria, considera-se que a posição sintática onde deveria estar o sujeito não está vazia, mas ocupada por um elemento foneticamente nulo, uma categoria vazia.

Algumas línguas, como o Português europeu, o Espanhol e o Italiano, identificam os seus sujeitos nulos com base nas desinências verbais. Isso é possível porque essas línguas possuem um paradigma flexional diversificado, em que cada pessoa do singular e do plural possui uma flexão verbal específica, como pode ser observado na tabela 1:

Português Europeu		Espanhol	
Eu	<i>Amo</i>	Yo	<i>Amo</i>
Tu	<i>Amas</i>	Tu	<i>Amas</i>
Ele	<i>Ama</i>	El/ Ella	<i>Ama</i>
Nós	<i>Amamos</i>	Nosotros	<i>Amamos</i>
Vocês	<i>Amam</i>	Vosotros	<i>Amáis</i>
Eles	<i>Amam</i>	Elles	<i>Aman</i>

Tabela 1: Paradigma Flexional do Português Europeu e do Espanhol

Como pode ser visto, essas línguas apresentam variadas formas para expressar a concordância entre o sujeito e o verbo e, dessa forma, a não utilização de um pronome no lugar do sujeito da sentença não comprometerá a identificação de qual seria o sujeito nulo. Esse tipo de sujeito nulo identificável pela desinência do verbo é, na Teoria Gerativa, definido como uma categoria vazia do tipo *pro*(nome).

Há ainda o segundo tipo de línguas de sujeito nulo. Essas línguas possuem paradigmas flexionais muito pouco diversificados e, por isso, não podem identificar seus nulos através das desinências dos verbos. Um exemplo desse tipo de língua é o Chinês:

Chinês	
Eu	<i>Ama</i>
Tu	<i>Ama</i>
Ele	<i>Ama</i>
Nós	<i>Ama</i>
Vocês	<i>Ama</i>
Eles	<i>Ama</i>

Tabela 2: Paradigma Flexional do Chinês (adaptado ao Português)

No caso dessas línguas, o que licencia a ocorrência de nulos é o contexto, como se pode observar no exemplo em (1) abaixo:

(1) Yang-Zhi pegou a estrada. Em alguns dias, Ø chegou em DongJing. Ø Entrou na cidade, Ø encontrou um hotel e Ø ficou lá. O carregador pegou bagagem. Ø *Deu algum dinheiro*. Ø Voltou sozinho.

Na sentença em destaque, apesar de haver um possível candidato a ser o sujeito do verbo *dar* na sentença imediatamente anterior (*o carregador*), pode-se, através da informação fornecida pelo contexto, identificar que, na realidade, o sujeito desse verbo é *Yang-Zhi*.

Os nulos de línguas como o Chinês são chamados na Teoria dos Princípios e Parâmetros de categorias vazias do tipo *var*(iável).

2.2) As Línguas de Sujeito Pleno

As línguas de sujeito pleno, como já diz o nome, são aquelas em que os falantes necessitam obrigatoriamente preencher todos os sujeitos pronominais, independentemente das condições em que apareçam ou do tipo de verbo que acompanham, como nos exemplos dados no início da seção 2. Isso ocorre devido ao paradigma flexional pouco diversificado que essas línguas possuem, o que impede a identificação dos sujeitos através das desinências verbais:

Inglês	
I	Love
You	Love
He/She/It	Loves
We	Love
You	Love
I	Love

Tabela 3: Paradigma Flexional do Inglês

Como é possível observar, o Inglês possui apenas duas formas para marcar a relação entre o sujeito e o verbo, variando apenas na terceira pessoa do singular. Dessa forma, seria impossível para o falante identificar em uma sentença como *___ Love chocolate* qual seria o sujeito da sentença. Para ele, a sentença seria agramatical, já que, mesmo se, com algum esforço o falante conseguisse compreender seu significado dentro de um contexto, ela não faria parte da gramática de sua língua. Esse tipo de língua opõe-se, assim, às línguas de sujeito nulo, e, especificamente, às que identificam o nulo através das desinências.

É importante notar, no entanto, que há ocorrências de nulos nessas línguas, mas apenas em situações muito restritas, como no Inglês coloquial em notas, telegramas, etc., e em *diary drop*: (...) \emptyset *Woke up*, \emptyset *fell out of bed*, \emptyset *Dragged a comb across my head*, \emptyset *Found my way downstairs and* \emptyset *drank a cup* (...) (Trecho retirado da música *Day in Life*, The Beatles).

2.3) O Status do Português Falado no Brasil

Há alguns anos, os diversos estudos realizados com o objetivo de identificar as diferenças sintáticas entre o Português brasileiro e o Português europeu têm demonstrado algumas transformações com relação à preferência de preenchimento do sujeito no PB (Duarte, 1993, 1995, Kato e Negrão, 2000, entre outros). De uma língua estritamente de sujeito nulo (visto que veio do PE), o PB passou a demonstrar uma preferência significativa pela utilização de plenos.

O conhecido estudo de Duarte (1993), por exemplo, investigou a utilização de sujeitos em sete peças de teatro populares escritas desde 1845 até 1992, e verificou uma redução progressiva na utilização de nulos, que passaram de mais de 75%, nas primeiras três peças,

para 26% na última. A autora atribuiu o grande aumento da utilização de plenos a uma impossibilidade de se identificarem os nulos pelas desinências verbais, visto que essa mudança de preferência acompanhava uma redução do paradigma flexional do PB:

Paradigma 1		Paradigma 2	
Eu	<i>Amo</i>	Eu	<i>Amo</i>
Tu	<i>Amas</i>	-----	-----
Você	<i>Ama</i>	<i>Você</i>	<i>Ama</i>
Ele	<i>Ama</i>	Ele	<i>Ama</i>
Nós	<i>Amamos</i>	<i>A gente</i>	<i>Ama</i>
Vós	<i>Amais</i>	-----	-----
Vocês	<i>Amam</i>	<i>Vocês</i>	<i>Amam</i>
Eles	<i>Amam</i>	Eles	<i>Amam</i>

Tabela 4: Evolução dos Paradigmas Flexionais do PB do século XIX ao século XX

Apesar de as taxas de sujeito nulo encontradas no PB atualmente não serem tão baixas quanto as que seriam observadas em uma língua de sujeito pleno, como o Inglês, está claro que ele deixou de ser uma língua de sujeito nulo, como o PE. Porém, se ainda existem esses nulos, o que os licencia? Duas hipóteses reportadas na próxima seção tentam dar conta dessa questão com base nos três tipos de línguas apresentados aqui.

3) As Hipóteses

A hipótese formulada por Duarte (1995) mantém em mente os diversos estudos realizados pela autora, que consideram que há muito poucos nulos em PB. Segundo ela, a língua estaria se tornado uma de sujeito pleno, como o Inglês, e a manutenção dos nulos ainda hoje na língua se deve apenas a um contato da gramática atual com a gramática antiga, visto que pessoas com mais idade e que usam um paradigma flexional mais diversificado convivem com pessoas mais jovens, que usam apenas três formas flexionais. A autora considera ainda que a utilização de nulos se deve também, em parte, ao processo de escolarização, que transmite a concepção de que o uso de pronomes plenos em vários contextos é inadequado (já que a Gramática Tradicional tem suas bases no PE). Dessa forma, Duarte acredita que os nulos ainda existentes no PB ocorrem apenas em situações restritas e são identificados por uma categoria vazia que tende a desaparecer.

Diferentemente de Duarte, Figueiredo Silva (1996) considera que os nulos do PB não são como os do PE. Para ela, esses nulos existem pois a estrutura da língua torna viável sua identificação através de outros mecanismos que não as desinências, como acontece no Chinês. Assim, o contexto desempenharia o papel de identificador e licenciaria os nulos, que, segundo essa hipótese, ocorreriam em maior quantidade e em contextos menos restritos que na

hipótese defendida por Duarte. O PB, segundo Figueiredo Silva, seria sim uma língua de sujeito nulo, mas seu mecanismo de identificação teria se modificado. A gramática da língua, para ela, não estaria em processo de mudança, como acredita Duarte e seria uma gramática estável das línguas desse tipo.

4) Verificando as Hipóteses

A pesquisa apresentada aqui foi realizada com a intenção de confrontar as duas hipóteses e verificar qual delas poderia explicar melhor os dados obtidos. Para tal, foi necessário investigar um tipo de estrutura sobre a qual as hipóteses fizessem previsões diferentes e, portanto, foram escolhidas as sentenças que possuem elementos topicalizados, como no exemplo abaixo:

(2a) Esse aluno, eu sempre achei que ele era bom.

(2b) Esse ônibus, a Ana não sabe se passa perto de casa.

Como é possível observar pelas sentenças acima, essas estruturas, apesar de serem comumente encontradas no discurso informal oral dos falantes de PB, dificilmente fariam parte de um *corpus* obtido através de entrevistas ou material escrito, visto que ambas as situações envolvem um certo nível de formalidade. Além disso, mesmo com o uso corriqueiro do tipo de sentença, seria difícil encontrar em *corpora* tradicionalmente usados estruturas que tivessem as características necessárias a essa investigação.

Dessa maneira, a utilização de uma metodologia experimental mostrou-se de fundamental importância para a obtenção regular de dados restritos ao tipo de sentença investigado. Portanto, foi realizado um teste de preenchimento de lacuna, no qual uma determinada frase é dada pela metade ao informante, que deve completá-la com algo que lhe vier à cabeça. Por exemplo, as frases apresentadas em (2) acima seriam lidas ao informante da seguinte maneira:

(3a) Esse aluno, eu sempre achei que...

(3b) Esse ônibus, a Ana não sabe se...

O teste consistia da apresentação oral das frases aos informantes, 16 alunos do curso de Letras da UERJ, que eram instruídos a repetir e completar cada uma com a primeira coisa em que pensasse. Ao todo, 32 frases foram elaboradas para figurarem no teste, embora apenas 20 delas seriam realmente as frases testadas; as demais eram apenas sentenças distratoras. A investigação dessas sentenças era importante pois, conforme mencionado acima, as hipóteses prevêem padrões diferentes de preenchimento: Duarte consideraria que a opção para o falante seria o sujeito pleno, independentemente do contexto, como em (2a); já Figueiredo Silva

contaria com um sujeito nulo, como em (2b), já que esse seria um contexto de resistência ao pleno, pois, para ela, a gramática teria encontrado um meio de ligar essa categoria vazia ao Sintagma Nominal (SN) topicalizado (o contexto licenciando o nulo).

As sentenças do teste eram de dois tipos: as que foram chamadas de “A*” e eram formadas pelo tópico mais dois SNs, como em (4a); e, as que foram chamadas de “Aok” e eram formadas pelo tópico mais um SN como em (4b).

(4a) Tipo 1 (A*): “Tópico, SN1 verbo SN2 que _____”

Ex: Essa menina, o Pedro conhece um cara que _____
(Tópico) (SN1) (SN2)

(4b) Tipo 2 (Aok): “Tópico, SN1 verbo que _____”

Ex: Esse aluno, eu sempre disse que _____
(Tópico) (SN1)

As sentenças A* eram assim chamadas pois seriam agramaticais em PB se o tópico fosse retomado com sujeito pleno, devido à quantidade de elementos existentes entre o sujeito da sentença subordinada e o tópico a que deveria se referir (há um SN intervindo entre o tópico e o verbo). Assim, ambas as hipóteses testadas preveriam que os informantes necessariamente retomariam o tópico com um sujeito pleno. Contudo, se o sujeito da subordinada correspondesse a um dos SNs que não o tópico, Duarte preveria que o sujeito seria pleno, e Figueiredo Silva, por sua vez, consideraria que os informantes não o preencheriam.

Quanto às sentenças do segundo tipo, as Aok, que possuem uma estrutura comum no PB, a hipótese de Duarte faria prever que os sujeitos retomando o tópico serão sempre plenos, exceto se o tópico for inanimado, pois, segundo ela, esse ainda seria um contexto de resistência ao pleno. Ao contrário, Figueiredo Silva acredita que haveria uma preferência pelo nulo, independentemente da animacidade do tópico, pois o contexto antecedente o estaria licenciando.

5) Resultados e Discussão

As respostas dadas pelos informantes foram transcritas, classificadas, quantificadas e passaram por um processo de análise quantitativa e qualitativa, que geraram os resultados mencionados nos parágrafos abaixo.

Nas sentenças A*, como esperado, houve uma preferência pela retomada dos SNs em detrimento dos tópicos (17,5% de retomada de tópico contra 82,5% de não-tópico), embora, realmente, os poucos sujeitos correferentes dos elementos topicalizados tenham sido preferencialmente plenos:

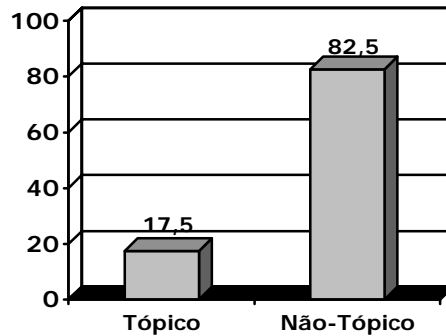


Gráfico 1: Percentual de preferência na retomada de Tópico X SN

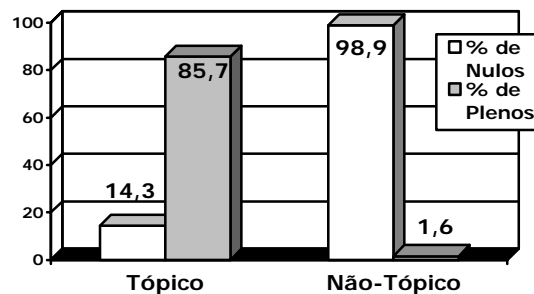


Gráfico 2: Percentual de Nulos e Plenos em Tópico X Não Tópico

A preferência pela retomada do SN como nulo parece favorecer a hipótese de Figueiredo Silva, já que, estando mais próximos do verbo, seria natural para os falantes que um dos SNs fosse retomado, o que licenciaria o nulo, pois não há nenhuma barreira entre o sujeito e o contexto antecedente (o SN).

Os resultados obtidos nas estruturas Aok também parecem favorecer a hipótese de Figueiredo Silva, pois, conforme visto, ela esperaria uma preferência pelo nulo.

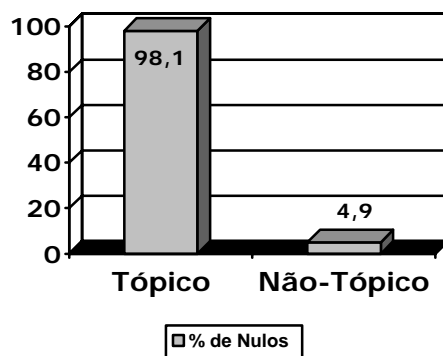


Gráfico 3: Percentual de nulos em Tópico X Não-Tópico

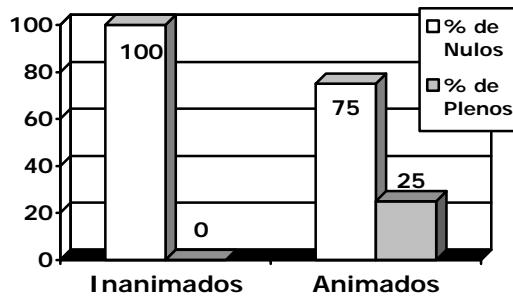


Gráfico 4: Percentual de Nulos e Plenos em ópico X Não-Tópico

É bem verdade que, como previsto por Duarte, as sentenças com tópicos animados apresentaram uma maior quantidade de plenos se comparadas às de tópico inanimado; no entanto, o percentual de nulos demonstrado no gráfico 3 não deixa dúvidas quanto à preferência por não preencher os sujeitos nessas estruturas.

6) Considerações finais

A pesquisa apresentada aqui procurou contribuir com dados provenientes de um *corpus* obtido através de experimentos controlados (uma prática bastante profícua, porém ainda pouco utilizada nos estudos lingüísticos dessa área) para a investigação sobre o estágio em que se encontra a tendência ao preenchimento do sujeito pronominal no Português falado no Brasil, que vem sendo observada nas últimas décadas.

Essa tendência, conforme foi observado, pode ser considerada uma forte evidência para confirmar a hipótese de que o PB tenha se tornado (ou se esteja tornando) uma língua distinta do PE, embora haja ainda a dúvida do tipo de língua que se tenha tornado: uma língua de sujeito pleno, como o Inglês, ou uma língua de sujeitos nulos licenciados pelo contexto, como o Chinês.

A presente pesquisa teve como principal objetivo fornecer dados que pudessem ajudar no esclarecimento dessa questão. Como foi observado na seção 5, a hipótese de Figueiredo Silva (1996), que considera que as categorias vazias no PB sejam do tipo *var*, licenciadas pelo contexto, parece ser mais adequada para explicar os dados obtidos.

Isso implicaria dizer que o PB já teria passado por uma mudança paramétrica, não necessariamente *no* Parâmetro do Sujeito Nulo, mas com relação aos mecanismos de licenciamento de nulos, que deixaram de ser ligados às desinências e passaram a integrar-se com a informação fornecida pelo contexto.

Apesar de os resultados apontados corroborarem com essa hipótese, a hipótese de Duarte (1995) não deve ser eliminada. Aqui, apenas uma estrutura foi testada, e há ainda outros tipos de sentenças a serem investigadas, que podem trazer novos dados para essa

discussão.

Bibliografia

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.

_____. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: EdUNICAMP, 1993. p. 107-128.

_____. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

FIGUEIREDO SILVA, M. *A posição sujeito no Português Brasileiro – frases finitas e infinitivas*. Campinas: EdUNICAMP, 1996.

KATO, M., NEGÃO, E. (Eds.) *"Brazilian Portuguese and the null subject parameter"*. Madrid : Iberoamericana, 2000.